

**FOTOGRAFIA, MEMÓRIA E CIDADE: O ACERVO DAS FOTOGRAFIAS URBANAS DE MILITÃO AUGUSTO DE AZEVEDO DA BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE**

ADRIANE ACOSTA BALDIN – PPG-PUCCAMP

Ao pensar na história da cidade de São Paulo, vem à mente as imagens produzidas pelas lentes de Militão Augusto de Azevedo. Fotógrafo carioca que deixou uma documentação iconográfica de valor inestimável para desvendar a história da cidade, na segunda metade do século XIX.

Militão Augusto de Azevedo inicia a sua atividade fotográfica ainda na cidade do Rio de Janeiro. Desenvolve, na mesma época, a atividade de ator.

Segundo dados de familiares do fotógrafo, mudou-se para São Paulo entre 1860 – 1862, já viúvo, juntamente com sua mãe e seu filho único Luiz Gonzaga. <sup>1</sup>

Inicia a sua atividade de retratista no estúdio Carneiro & Gaspar e vem a adquiri-lo em 1875 passando a denominá-lo Fotografia Americana.

De 1862 a 1887, Militão Augusto de Azevedo registrou a cidade de São Paulo e sua gente por meio de um volume impressionante de fotografias, 12.000 retratos, num período em que a cidade contava com uma população de aproximadamente 30.000 habitantes.

Fotografou celebridades como Castro Alves, Rui Barbosa e o próprio Dom Pedro II, mas também não deixou de registrar em suas lentes a gente do povo, trabalhadores e escravos.

Hoje, o acervo do fotógrafo encontra-se bastante espalhado em diversas instituições públicas e particulares bem como nas mãos de colecionadores.

Devido à relevância da obra de Militão Augusto de Azevedo é oportuno a análise, o recolhimento, o processamento e o arquivamento do acervo de forma a facilitar o acesso à pesquisa.

A totalidade das imagens da coleção de Militão Augusto de Azevedo, que se encontra na biblioteca Mário de Andrade, está organizada em álbuns fotográficos. Entre eles destacam-se dois que foram montados pelo próprio fotógrafo, o *Álbum Comparativo da Cidade de São Paulo 1862-1887*, onde ele registra cenas urbanas nos anos de 1862 e,

posteriormente, nos de 1887. Este álbum tem um valor histórico e documental para São Paulo como poucos documentos iconográficos do século XIX.

Encontra-se também na Biblioteca Mário de Andrade outro álbum feito por Militão onde fotografa a cidade em meados dos anos sessenta, *Cidade de São Paulo 1862-1863*. O objetivo do fotógrafo, com a feitura deste álbum, era a comercialização para os alunos da faculdade de direito do Largo São Francisco. Porém, os esforços do fotógrafo foram em vão, o álbum *Cidade de São Paulo 1862-1863* foi um fracasso de vendas.

As demais fotografias do acervo da Biblioteca Mario de Andrade encontram-se em álbuns que foram feitos posteriormente à morte do fotógrafo e na sua maioria são reproduções das coleções citadas acima.

Sabemos que entre as décadas de 60 e 80, período dos registros fotográficos de Militão em análise, a cidade de São Paulo foi objeto de obras de engenharia civil e arquitetura, sobretudo relacionadas às preocupações com a higiene urbana, como por exemplo: matadouros, curtumes, hospitais e cemitérios. Todavia, como o intuito de Militão era construir um material para venda e divulgação junto aos alunos da faculdade de direito, seus registros voltam-se para o casario urbano, para as vistas panorâmicas, os diversos complexos construtivos ligados às ordens religiosas (igrejas e conventos), enfim, tudo o que o fotógrafo considerava relevante para marcar a evolução urbana da cidade.

Em seu *Álbum Comparativo*, o fotógrafo mostra uma São Paulo que está em plena evolução. A idéia do progresso urbano associado ao crescimento da cidade é patente.

Militão, como um homem de seu tempo, utilizou a fotografia para registrar essas conquistas dos homens sobre o espaço físico. A linguagem fotográfica contribuiu muito para reforçar a idéia de “tempo linear e sucessivo”, comum aquele século, e tornou-se o meio de registro desta evolução.

Nesse contexto, os progressos da ciência, em que se incluíam os processos fotográficos, eram irreversíveis e considerados positivos.

O progresso contínuo era conseqüência da acumulação de riqueza e do avanço dos conhecimentos intelectuais, gerando portanto, a própria evolução da humanidade.

Na segunda metade do século XIX, especialmente na Europa, as cidades sofreram mudanças radicais em suas estruturas urbanas. Para abarcar um contingente crescente de pessoas que encontraram nos centros urbanos novas oportunidades de vida e de trabalho, as cidades cresciam em proporções assustadoras. O ritmo do mundo acelerava-se. E nada melhor, para registrar esse frenesi, do que as imagens fiéis das câmaras fotográficas.

Pouco a pouco, a fotografia firmou-se como mais uma manifestação artística. Impunha um novo conceito, que gradativamente foi conquistando um lugar privilegiado nas representações visuais da sociedade moderna.

No século XX a fotografia foi amplamente utilizada como suporte para a pesquisa histórica, uma espécie de documentação de segunda categoria.

Hoje a fotografia assume o papel documental que lhe cabe. Geradora de nova fonte de conhecimento, muito precisa de uma determinada época ou local, nos propicia subsídios riquíssimos de pesquisa.

A imagem fotográfica é fonte de pesquisa interdisciplinar e o fotógrafo é o sujeito social imbuído destes registros.

*A noção de imagem como equivalente de uma realidade sensível, passível de ser apreendida pelos sentidos, reduz o material iconográfico a uma documentação periférica, de segunda classe, de natureza passiva, já que entendida como imagem especular daquilo que estava constituído à sua revelia. Por muito tempo, este foi o tratamento dispensado à fotografia. Seu papel restringia-se, no máximo a corroborar informações verbais, ilustrando textos de história ou arquitetura<sup>2</sup>.*

A obra fotográfica de Militão foi muitíssimo utilizada até metade do século XX sem lhe ser dado os créditos das imagens, reforçando a lamentável tradição do desprezo conferido ao material fotográfico. Afonso Taunay, especialista em iconografia paulistana, foi o pioneiro na identificação de suas imagens, em 1930.

Se a discussão no século dezenove girava em torno do valor artístico conferido à fotografia, no vinte a questão foi o desprezo do material fotográfico como documento histórico em si.

Tentaremos analisar brevemente em que momento a obra de Militão Augusto de Azevedo se insere neste processo e qual a sua contribuição para os registros históricos da cidade de São Paulo.

Militão fotografou São Paulo ainda embrionária, justamente neste período que foi um divisor de águas na evolução da cidade.

Sabe-se que São Paulo sofrerá profundas modificações em decorrência do café e do surgimento da estrada de ferro em 1867.

*Até o advento da ferrovia, São Paulo era uma cidade de barro... De barro eram as “altas torres”, as casas térreas, sobrados e... a cadeia. De terra, as ruas sem calçamento e de “barro pisado” o piso do Largo do Palácio, presumivelmente o melhor da cidade. Esta última técnica consistia em apiloar argila misturada com seixos rolados obtidos em rios.<sup>3</sup>*

São Paulo vai mudando paulatinamente, a taipa de pilão começa a ser considerada obsoleta em relação à resistência, beleza e praticidade do tijolo, porém continua a ser utilizada no interior paulista até início do século XX.

Os fazendeiros que se enriqueciam com o café vinham se fixar em São Paulo, a capital da província que centralizava todas as principais atividades comerciais e apresentava clima bem mais ameno que o do interior e da cidade de Santos.

Muitas famílias de fazendeiros que mantinham a fazenda e uma casa na capital da província traziam divisas para a cidade.

As próprias edificações, que antes eram feitas com a rude taipa de pilão, ganhavam versão mais atualizada de tijolo e alguma feição européia. Este esforço tenaz feito por alguns administradores públicos, como Antônio Prado, era para eliminar para sempre o que eles chamavam de caráter caipira da cidade.

Soma-se a isso, a imigração maciça que a cidade vai sofrer de diferentes povos europeus, trazendo toda a bagagem cultural de seus países de origem.

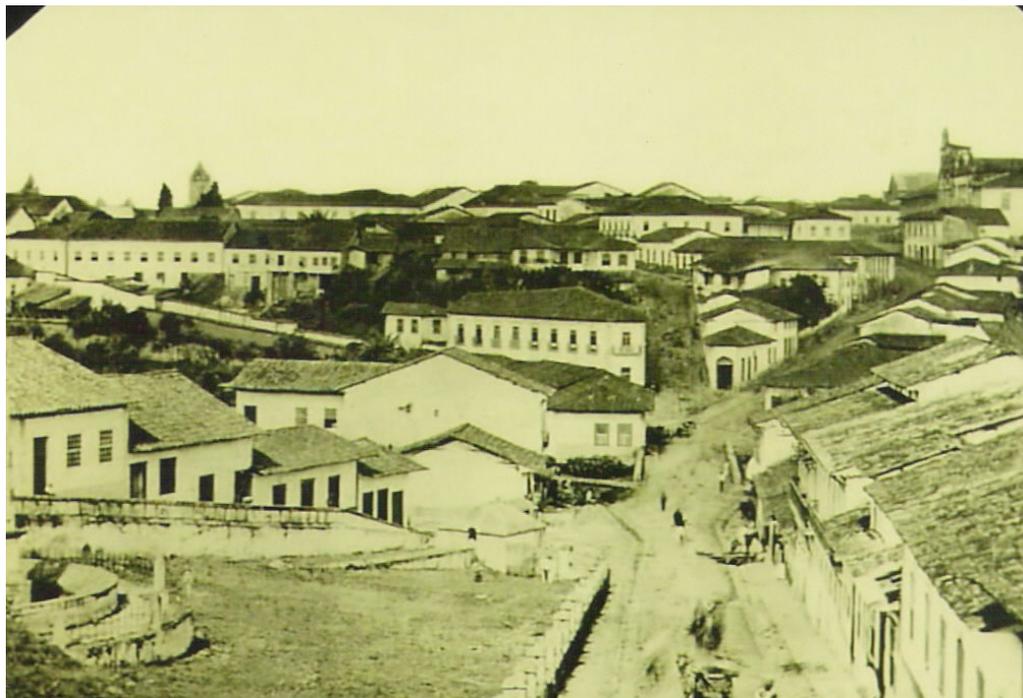
A fisionomia da cidade não fica muita bem definida a partir daí, pois começa neste período um crescimento urbano e demográfico significativo.

Dentro deste contexto, a produção fotográfica de Militão Augusto de Azevedo lança luzes no cenário histórico e sua excelência está no conteúdo diversificado de sua obra.

O volume de sua produção e as condições em que foi conservada acentua o seu valor documental.

A obra fotográfica de Militão é sem dúvida o principal documento iconográfico da cidade de São Paulo no século XIX, fonte muito rica de informações em diversas áreas do conhecimento.

Para efeito de análise, vamos utilizar apenas uma das centenas de imagens urbanas que Militão produziu da cidade de São Paulo. Na fotografia que fez em 1862 do Paredão do Piques (ver figura1), é possível perceber as inúmeras informações contidas na imagem e processá-las de tal forma, que seja possível uma análise do período através deste registro iconográfico.



Cidade de São Paulo – vista tirada do Paredão do Piques. Militão Augusto de Azevedo, 1862.

O Paredão do Piques localizava-se do lado sul da cidade e era um dos locais mais movimentados, daí partiam duas das mais importantes estradas (ver figura 2): o caminho

para Sorocaba que ligava São Paulo ao sul e a estrada de Campinas de onde vinha a produção do café, a fonte de riqueza econômica da época.



Paredão do Piques. Militão Augusto de Azevedo, 1862.

Na confluência das duas ladeiras podemos ver o chafariz onde os habitantes da cidade, tropeiros e os animais das tropas que desciam para Santos se abasteciam.

Apesar do intenso uso do chafariz pela população, Pires da Mota, então presidente da Província, declara em um dos seus relatórios apresentado à Assembléia Legislativa, em 1863:

*O encanamento existente que conduz água aos chafarizes desta cidade é defeituosíssimo e em razão de pouca capacidade dos tubos incapaz de fornecer água necessária ao consumo dos habitantes.*<sup>4</sup>

Pelas fotos é possível verificar que a região era bastante urbanizada, fruto do comércio de escravos e do fluxo de mercadorias e produtos. Não havia nenhum tratamento paisagístico, nem mesmo árvores nas calçadas. O verde ficava restrito aos quintais no fundo das casas, onde eram cultivadas hortaliças e árvores frutíferas.

A Pirâmide do Piques foi entregue à cidade em 17 de outubro de 1814 pelo engenheiro Pedro Muller. Hoje se chama Largo da Memória e está situado ao lado da Estação Anhangabaú do Metrô.

1 Depoimento da bisneta de Militão Augusto de Azevedo, Raquel Azevedo

2 CARVALHO, Vânia, LIMA, Solange Ferraz de, Fotografia e Cidade, pág. 54

3 TOLEDO, Benedito Lima de, Três cidades em um século, pág. 56

4 Relatório apresentado à Assembléia Legislativa Provincial de São Paulo pelo Conselheiro Vicente Pires da Motta, presidente da província, 2 de fevereiro de 1863.